



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

TATIANE FERNANDES DA SILVA

**A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO “QUARTO DE DESPEJO”: A
LITERATURA DE CAROLINA DE JESUS**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2021

Tatiane Fernandes da Silva

**A história da educação brasileira no “quarto de despejo”: a Literatura de Carolina
Maria de Jesus**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus de Miracema, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho.

Miracema do Tocantins, TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586h Silva, Tatiane Fernandes da.
A história da educação brasileira no “quarto de despejo”: a Literatura de Carolina Maria de Jesus. / Tatiane Fernandes da Silva. – Miracema, TO, 2021.
34 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2021.
Orientador: Francisco Gonçalves Filho

1. Despejo. 2. Favela. 3. Educação. 4. Literatura. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TATIANE FERNANDES DA SILVA

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO “QUARTO DE DESPEJO”: A
LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Monografia avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus de
Miracema, Curso de Pedagogia, para obtenção do título
de licenciada em Pedagogia e aprovada em sua forma
final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de apreciação: 15/12/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho – Orientador – UFT.

Prof.^a Dr.^a. Layanna Giordana Bernardo Lima – Examinadora – UFT.

Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira – Examinador – UFT.

Prof.^a Dr.^a. Brigitte Ursula Stach Haertel - Examinadora – UFT.

Aos meus pais que sempre me apoiaram em
minhas decisões e nunca deixaram de incentivar
a correr atrás dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me guiar até aqui, pois foram tantos os desafios e as superações: tais como, o período da pandemia (COVID-19), que ainda persiste em 2022, mas já sob certo controle, devido a intensa vacinação da população, realizada pelo Sistema Único de Saúde, o SUS, e que parou quase tudo, no Brasil e nos outros países. No Estado do Tocantins não foi diferente e até a nossa querida Universidade, a UFT, foi obrigada a parar suas atividades por um tempo. Foi um período muito difícil, não só para mim, mas para muitos colegas concluírem os seus estudos durante esse período de pandemia. Assim, agradeço a Deus por essa vitória que tanto sonhei e hoje, me sinto realizada e com forças para continuar.

Agradeço à minha família e amigas (os) que sempre estiveram ao meu lado. Em especial agradeço a minha mãe Isabel Fernandes da Silva, meus filhos Isaac Fernandes Silva, Adelaide Vitoria Fernandes da Silva e Douglas Pereira Fernandes Junior; bem como a minha colega de faculdade, Marcia Batista de Oliveira. São as pessoas que direta e indiretamente sempre estiveram ao meu lado, me apoiando para seguir em frente e que nunca me desampararam.

Agradeço também aos colegas do curso de pedagogia, turma de 2016, que juntos enfrentamos diversos desafios e os superamos.

Agradeço a todo corpo docente da UFT/Campus de Miracema, em especial ao Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho por ter aceitado meu convite, para me orientar nessa jornada que, apesar dos imprevistos de minha parte, esteve presente e disposto à orientação.

Agradeço aos membros da banca avaliadora pelas contribuições na avaliação deste trabalho e as sugestões e reflexões proporcionadas, em especial à prof. Dr^a Layanna Giordana Bernardo Lima; ao prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira e à prof. Dr^a Brigitte Ursula Stach Haertel. Grata.

Agradeço também, a todos os funcionários da UFT, em especial as e os colegas da limpeza, que trabalham intensamente para nos entregarem limpos, higienizados e organizados: as salas de aulas, os banheiros e o campus da universidade. Aos vigilantes que atentos à segurança no campus e com disposição nos ajudam com informações, no que for preciso.

Enfim, agradeço a todos que torceram por mim e dedico este Trabalho de Conclusão à toda minha família e amigos

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar elementos destacados da História da Educação Brasileira no contexto e no conteúdo da obra de Carolina Maria de Jesus, em especial em seu livro: “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Assim, esse estudo foi pautado pelos avanços e retrocessos que a educação passou durante os anos da democracia populista e início dos governos militares identificados na realidade vivida pela autora. Identifica-se que esse tema é de grande relevância para a formação acadêmica e futuro dos professores. Trata-se da história de uma negra, favelada, que se tornou uma importante escritora após a publicação e reconhecimento das qualidades do livro “Quarto de Despejo”. Obra que nos faz refletir sobre o contexto da maioria das famílias brasileiras, sem acesso à educação, mas que, como Carolina, almejam os estudos para si e para toda a sua família, bem como uma vida digna, melhor.

Palavras-chave: Despejo. Favela. Educação. História. Literatura.

ABSTRACT

This work aims to address highlighted elements of the History of Brazilian Education in the context and content of the work of Carolina Maria de Jesus, especially in her book: “Quarto de Despejo: diário de uma Favelada²”. Thus, this study was guided by the advances and setbacks that education went through during the years of populist democracy and the beginning of military governments identified in the reality experienced by the author. It is identified that this theme is of great relevance for the academic training and future of teachers, it is the story of a black favela who became an important writer after the publication and recognition of the qualities of the book “Quarto de Despejo”. This work makes us reflect on the context of most Brazilian families, without access to education, but who, like Carolina, aspire to study for themselves and their entire family, as well as a dignified, better life.

Keywords: Eviction. Shanty town. Education. Story. Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Carolina em sua casa, na favela do Canindé – SP – Capital.....	10
Figura 2 - Carolina e seus três filhos trabalhando na catação de papéis	11
Figura 3 -Carolina e o Diário são encontrados pelo jornalista Audálio Dantas na favela do Canindé – São Paulo (Capital).....	12
Figura 4 – Favela do Canindé às margens do Rio Tietê, na Zona Norte de São	17
Figura 5 – A Capa do livro em sua 10ª edição (2014).....	31
Figura 6 – Capa do livro em sua edição especial comemorativa aos 60 anos da primeira publicação (1960 – 2020)	32
Figura 7 – Carolina Maria de Jesus escrevendo em seu diário.....	33
Figura 8 – O raro LP de Carolina cantando sua realidade através de composições próprias .	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	O “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS	11
2.1	O livro: um Diário escrito no cotidiano da favela do Canindé (SP).....	11
2.2	A autora: Carolina Maria de Jesus	15
3	O CONTEXTO DO “QUARTO DE DESPEJO”	20
3.1	Governos democráticos populistas e o governo da ditadura militar em tempos de Carolina Maria de Jesus	20
3.2	Os primeiros governos da ditadura militar de 1964.....	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS.....	29
	ANEXOS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa monográfica adota como tema, a literatura de Carolina Maria de Jesus, em sua forma de diário publicado em 1960, no livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”.

O problema que norteou os estudos foi compreender “Qual a importância de se estudar a história da educação brasileira a partir do livro “Quarto Despejo”? Portanto, o estudo da história tomando como referência, a literatura de Carolina Maria de Jesus. Justifica-se nosso interesse por este tema, em decorrência de nossa trajetória acadêmica durante praticamente dez semestres letivos junto ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema.

No curso, a disciplina que abordava a história da educação brasileira tem relações com a disciplina de Educação e cultura afro-brasileira, que nos indagam sobre os avanços e retrocessos da educação no Brasil, sobretudo a partir dos sujeitos que foram historicamente excluídos da educação e de uma vida digna: trabalhadoras, negros, negras, pobres e indígenas.

Desta forma, surgiu naquela oportunidade dos estudos disciplinares, o interesse em pesquisar o tema, buscando aprofundar nossos conhecimentos no campo da história e das questões étnico-raciais. O “Quarto de Despejo” nos revela a educação brasileira por meio da ausência, ou negação, de um tipo de educação, a escolar. Portanto, um direito que a autora da obra não teve acesso e acabou por denunciar em sua literatura. Eis aí, a contradição e relevância da literatura de Carolina Maria de Jesus para a formação do Pedagogo.

Durante nosso percurso formativo, entre os anos de 2016 e 2021, muitas vezes tivemos a oportunidade de ouvir, refletir e discutir aspectos importantes sobre a história da educação brasileira e os processos de mudanças ou agravamentos, no contexto histórico.

Assim, importante se faz a literatura de Carolina Maria de Jesus para a compreensão, inclusive, das consequências educacionais, da recente pandemia do coronavírus, COVID-19, nesta mesma população trabalhadora, negra, pobre e indígena.

Em nossa primeira sessão sistematizamos alguns estudos sobre a vida e o livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus.

Na segunda sessão, com apoio da história da educação brasileira, sobretudo na visão apontada pela autora Maria Luísa Santos Ribeiro, no livro: “História da Educação Brasileira: a organização escolar” procuramos contextualizar o tempo histórico de Carolina, que viveu na pobreza e nas periferias do sistema capitalista, no período da crise econômica agravada pelas duas guerras mundiais; bem como, a crise da política do café com leite, na primeira República

brasileira; o período da ditadura de Getúlio Vargas (1930 – 1945); o momento histórico das democracias populistas do pós II Guerra Mundial (1946 a 1964); e os primeiros treze anos da ditadura militar (1964 – 1977).

Desejamos uma boa leitura deste estudo e sobretudo: das obras de Carolina Maria de Jesus.

Vejamos sua imagem na favela, na Figura 1, a seguir a Carolina em sua casa, na favela do Canindé – SP, Capital.

Figura 1 - Carolina em sua casa, na favela do Canindé – SP, Capital



Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/audalio-dantas-revelou-escritora-favelada-que-conquistou-a-revista-time-e-alberto-moravia-126914/>

2 O “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

2.1 O livro: um Diário escrito no cotidiano da favela do Canindé (SP)

O livro “Quarto de despejo, diário de uma favelada” conta a triste realidade de Carolina Maria de Jesus e assim, de uma grande parte da população brasileira que vive em situação de opressão racista, de desigualdade social, econômica, política e cultural; enquanto outras, acumulam riquezas e acessos aos direitos republicanos de plena ou ampla cidadania.

Ela, negra, nasceu em 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais numa comunidade da zona rural e faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em um pequeno sítio comprado com as economias do sucesso da venda dos livros, na periferia de São Paulo; nas mediações de um bairro denominado de Parelheiros, na Zona Sul.

Carolina Maria de Jesus era filha de mãe solteira, na qual também se chamava Carolina. Filha de pais analfabetos, foi maltratada durante a sua infância, pois foi acusada injustamente de roubo, junto com sua mãe. Aos sete anos foi obrigada a frequentar a escola, pois a esposa de um fazendeiro rico decidiu pagar seus estudos, estudando somente até a segunda série do primário, sendo obrigada a deixar a escola, com a mudança de sua mãe e seu padrasto para a zona rural, contudo, tendo já conseguido aprender a ler e a escrever e desenvolvido o gosto pela leitura.

Durante um bom tempo que a autora esteve morando na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, trabalhava para o seu sustento e de seus três filhos como catadora de papéis.

Vejamos a figura 2. Carolina e seus três filhos trabalhando na catação de papéis

Figura 2 - Carolina e seus três filhos trabalhando na catação de papéis



Fonte: <http://www.insea.org.br/carolina-maria-de-jesus-catadora-de-letras-sonhos-e-papeis/>

O seu diário foi publicado no Jornal, no ano de 1958, que, com o auxílio do jornalista Audálio Dantas foi organizado em forma de livro e recebeu o nome de Quarto de Despejo: diário de uma favelada.

Vejamos o Audálio junto com Carolina em nossa

Figura 3. Carolina e o Diário são encontrados pelo jornalista Audálio Dantas na favela do Canindé – São Paulo (Capital)



Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/audalio-dantas-revelou-escritora-favelada-que-conquistou-a-revista-time-e-alberto-moravia-126914/>

Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas: o jornalista que descobriu e firmou a reputação da escritora da favela do Canindé, em São Paulo, 1961.

A autora além de ser escritora foi também compositora e poetisa. Suas obras permanecem como objetos de estudos, tanto no Brasil quanto no Exterior.

Em 1960, foi publicado em forma de livro “O quarto de despejo: diário de uma favelada”. Este livro teve dez mil exemplares que se esgotou em apenas uma semana, a obra vendeu mais de um milhão de exemplares e foi traduzido para catorze línguas, um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior. Embora pouco difundida entre nós, Carolina Maria de Jesus foi e é uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil.

Carolina Maria de Jesus, após publicar seu livro teve que conviver com os insultos de alguns moradores da favela do Canindé, pois havia publicado a realidade dos moradores, o que falavam e o que faziam na favela do Canindé, e muitos não gostaram.

Na obra, a autora está sempre fazendo menção a essa relação conflituosa com as pessoas que viviam no mesmo espaço com ela. Carolina tem uma história e faz uma leitura do lugar onde vive, bem como das pessoas. Essa leitura não agrada a todos, apesar das condições de vida serem semelhantes.

Assim, após a publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, Carolina, com o dinheiro ganho das vendas do seu livro mudou-se para um bairro de classe média, na zona oeste de São Paulo, no bairro de Santana.

Em 1963, por sua própria conta publicou o romance *Pedaços de Fome*, e o livro *Provérbios*.

Aos 62 anos de idade, Carolina Maria de Jesus faleceu no bairro de Parelheiros, Zona Sul da Cidade de São Paulo, em 13 de fevereiro de 1977. A causa de sua morte foi uma forte crise de insuficiência respiratória. A mesma já nasceu com este problema de saúde, sendo realizado alguns tratamentos, mas, a doença deve ter se desenvolvido com as condições de trabalho e de vida na favela que se agravou com o passar do tempo.

Ao falecer verificou-se muitos outros escritos (manuscritos), em seus materiais, alguns organizados em forma de livro e sendo publicados após sua morte e outros sendo estudados para futura publicação.

Segundo a pesquisadora Raffaella Fernandez, em 1977 foi publicada postumamente, o livro: “*Diário de Bitita*” com recordações da infância e da juventude de Carolina. Em 1982, publicou-se “*Um Brasil para Brasileiros*”. E, em 1996, “*Meu Estranho Diário*” e “*Antologia Pessoal*”.

Em 2014, as pesquisadoras Raffaella Fernandez e Maria Nilda de Carvalho Motta organizaram a coletânea “*Onde Estaes Felicidade*”, que trouxe textos originais da autora e sete ensaios sobre sua obra e, em 2018, lançaram “*Meu sonho é escrever - Contos inéditos e outros escritos*”, com as narrativas da autora.

Este material deixado pela autora no ano de 1977 foi todo organizado para poder ser publicado: são 58 cadernos que somam 5.000 páginas de textos: são sete romances, sessenta textos curtos e cem poemas, além de quatro peças de teatro e doze letras para marchas de carnaval.

Em nosso levantamento de livros sobre a autora, isto é, outros livros que se remetem a ela e que não são de Carolina mas sobre Carolina Maria de Jesus se destacam: “*Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus (1994)*”, de José Carlos Meihy e Robert Levine; “*Muito Bem, Carolina*”!: *Biografia de Carolina Maria de Jesus (2007)*, de Eliana Moura de Castro e Marília Novais de Mata Machado; “*Carolina Maria de Jesus - Uma Escritora Improvável (2009)*”, de

Joel Rufino dos Santos; “A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus”, de Elzira Divina Perpétua; e “Carolina: uma biografia (2018)”, de Tom Farias.

Todas parecem interessantes para nossas futuras leituras e pesquisas com maior profundidade a respeito da literatura de Carolina Maria, bem como da compreensão da realidade da época e dos nossos dias.

As publicações de Carolina Maria de Jesus estão divididas em quatro obras publicadas em vida e, portanto, inicialmente pela própria autora:

- ✓ Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960)
- ✓ Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada (1961)
- ✓ Pedacos da fome (1963)
- ✓ Provérbios (1965)

Há também as publicações póstumas (após a morte), de Carolina Maria de Jesus, que também se dividem em quatro obras. São elas:

- ✓ Diário de Bitita (1986)
- ✓ Meu estranho diário (1996)
- ✓ Antologia pessoal (1996)
- ✓ Onde estases felicidade? (2014)

Destaca-se ainda, que se encontra até os dias atuais, matérias escritas por Carolina Maria de Jesus, os quais ainda não foram publicadas.

Para nós leitores, Carolina Maria de Jesus, em suas anotações diárias refletia e retratava o cotidiano da favela do Canindé nos cadernos que a mesma recolhia como catadora de papel, no qual descrevia a dor, o sofrimento e as angústias dela e dos moradores daquela comunidade. Esses cadernos virarão depois, o livro em forma de diário “Quarto de Despejo”, entrando para a nossa literatura brasileira.

“Quarto de despejo - diário de uma favelada”, nos últimos anos, isto é, após o período da Ditadura Militar, virou literatura obrigatória dos tempos democráticos e passou a estar nas listas de exames de seleção para acesso às universidades.

Professores de literatura passaram a valorizar a inclusão e a possibilidade dessas reflexões bem como do próprio negro e negra na educação superior tematizando por exemplo, qual o papel da mulher pobre, negra, na sociedade brasileira?

Carolina Maria de Jesus passou a ser considerada uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira. Sua obra “Quarto de despejo” retrata a triste realidade da mulher negra dentro da favela.

A seguir, focamos um pouco mais na autora Carolina. Quem é Carolina?

2.2 A autora: Carolina Maria de Jesus

Com o falecimento de sua mãe em 1937, Carolina se viu sozinha e migrou para a grande metrópole de São Paulo, sendo empregada doméstica.

Carolina, posteriormente construiu sua própria casa na favela, usando madeira, lata, papelão e qualquer material que pudesse encontrar. E assim, no ano de 1947, aos 33 anos, Carolina instalou-se na grande favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, neste período surgiam na cidade as primeiras favelas com uma quantidade de moradores já altíssima.

Neste mesmo período conseguiu emprego na casa do notório cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini, médico precursor da cirurgia de coração no Brasil, o que permitia a Carolina ler os livros de sua biblioteca nos dias de folga.

Em 1948 engravidou e ficou desempregada, deu à luz seu primeiro filho, João José. Teve mais dois filhos: José Carlos e Vera Eunice, nascidos em 1949 e 1953, sua gravidez fora normal, isto é, todas de partos normais, entretanto, não foram planejadas e aconteceram de relacionamentos diferentes, no qual, Carolina ficou decepcionada e não se casou.

Mãe solteira de três filhos (José Carlos, João e Vera Eunice), morava na grande favela de Canindé, em São Paulo, que, em meados de 1960 foi desocupada para a construção da Marginal Tietê; catadora de papel estudou somente até o segundo ano do primário, como já destacamos anteriormente. E seus registros em forma de diário deram-se início em 1955 e posteriormente se tornou famoso ao serem publicados em forma de livro, em 1960.

Concretamente, em 1958, um repórter por nome de Audálio Dantas foi até a favela com o intuito de fazer uma matéria sobre aquele local, mas chegando lá, verificou que já se encontrava uma matéria pronta, pois Carolina Maria de Jesus tinha mais ou menos uns vinte cadernos de anotações sobre os acontecimentos cotidianos, na favela.

O que acontecia com ela, era ali, naqueles cadernos que sempre desabafava, em seus cadernos de registro, do dia- a- dia, um diário.

Audálio Dantas pediu-lhe emprestado um de seus cadernos, para assim ele pode selecionar alguns trechos e serem registrados ou publicados na “Folha da Noite”, em 1958.

Carolina Maria de Jesus era uma catadora de papel, morava em um barraco, tinha uma vizinhança não muito agradável pois ao sair para catar seus papéis para sua sobrevivência, quando retornava haviam reclamações dos vizinhos referentes a seus filhos. Eles ficavam em casa sozinhos para ela poder ir fazer o seu trabalho diário (catar papéis).

Segundo seus próprios escritos, a favela e o seu entorno, na qual Carolina Maria de Jesus residia e convivia, era um local que também se encontravam pessoas racistas, preconceituosas

e discriminatórias, pois ali e principalmente nos outros locais que circulava haviam pessoas preconceituosas. Em seus escritos verificamos que ocorreram momentos que Carolina Maria de Jesus chegava a pensar em até se suicidar.

Carolina Maria de Jesus saía para catar papéis, ferros, flandres e garrafas sempre pensando no que iria poder comprar para seus filhos comerem, a sua preocupação maior era nos finais de semana, ela registra no livro que parecia mais uma eternidade.

Ela prestava atenção no que acontecia ao seu redor e fazia suas anotações com data e mês para não se perder. Apesar de morar em uma favela, não concordava com o que acontecia naquela pequena comunidade. As suas crianças eram maltratadas por algumas pessoas que ali moravam, mas além delas, Carolina também era muito humilhada por alguns comerciantes, pela população da cidade e por outras pessoas que residiam na própria favela.

Mas Carolina também recebia ajuda de quem realmente a conhecia e sabia de seu sofrimento para sobreviver e sustentar seus filhos, debaixo de chuva ou debaixo de sol ela sempre estava a catar seus papéis, ferros e etc., como destaca: só não catava a felicidade. Mãe solteira enfrentou várias dificuldades para criar os filhos, mas não os deixou fora da escola, passava por tantas necessidades, e com pouco estudo. O trabalho para ela, na cidade de São Paulo não era fácil, então a única saída foi ser catadora de papel.

Assim, para a autora, morar naquele lugar era o despejo da cidade. Carolina Maria de Jesus, retrata o local onde vive com desprezo, pois é neste mesmo local que despejam a maioria do lixo da cidade, sem o mínimo de respeito por pessoas que ali residem. Mas quando está no centro da cidade ela se sente bem, como se estivesse numa sala, sem mal cheiro e insetos, realidade totalmente diferente da que ela reside.

Vejamos a figura 4 que representa Carolina Maria de Jesus à margem do Rio Tietê, e ao fundo, a comunidade (favela) do Canindé.

Figura 4 – Favela do Canindé às margens do Rio Tietê, na Zona Norte de São Paulo



Fonte: Dantas (1960).

Ou seja, as pessoas que não tinham condições moravam em locais sem a menor possibilidade, pois ali não tinha água encanada, energia, esgoto, posto de saúde etc. Nada que um ser humano precisasse para se sentir bem, obvio, um descaso com as famílias que residiam naquele local, a favela de Canindé estava localizada na Zona Oeste da Cidade de São Paulo.

Eu não sei o que eles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Fico pensando o que será *Quarto de despejo*? Uma coisa que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que me enlaçava igual o cipó quando enlaça as árvores, unindo todas (JESUS, 2014, p. 195-196).

A autora revela que os favelados eram temidos, a população que residia na favela de Canindé era vista como más pessoas, ou seja, como bichos perigosos e eram discriminados por parte da comunidade.

Os recursos do governo naquela época eram muito difíceis. Carolina Maria de Jesus relata em seus diários, que quando uma pessoa morria ficava dois dias ou mais esperando recursos para serem sepultados. A comunidade da favela falava que Carolina Maria de Jesus era louca por escrever tanto, e não ganhar nada.

Havia moradores na grande favela de Canindé que não respeitava as crianças, e as ameaçavam com o que encontravam pela frente (facas, tijolos etc.). Em 1952, Carolina Maria de Jesus foi ferida com um canivete por uma senhora com nome de Ivone Horácio.

Na favela de Canindé quase todos os dias, acontecia brigas entre moradores, casais e com crianças que ali residiam e às vezes os próprios filhos eram agredidos. Quando aconteciam as brigas era um espetáculo para aquela comunidade.

Havia na favela de Canindé, famílias que não se importavam com o ensino escolar dos filhos. E a maioria só se preocupava em mandar as crianças às ruas para pedirem esmolas, esse dinheiro arrecadado não era para alimentação da família e sim, para consumo de bebidas alcoólicas.

Pensei no Alexandre porque ele não precisa pensar no trabalho. Porque obriga a esposa a pedir esmola. Ele tem uma filha: a Dica. A menina tem 9 anos. Ela pede esmola de manhã e vai para a escola a tarde. A menina conhece as letras e os números. Mas não sabe formar palavras. Quando escreve ela põe qualquer letra que lhe vem na mente. Mistura números com letras. Escreve assim: ACR85CZbO4Up7MnO10E20. (JESUS, 2014, p. 97-98).

Carolina passava dias sem lavar às roupas, pois o seu ganho era muito pouco e dava mal para comprar o essencial de alimentação para seus filhos, ela sentia-se com nojo de sua situação. Não fiquei revoltada com a observação do homem desconhecido referindo-se a minha sujeira. Creio que devo andar com “um cartaz” (cartaz) nas costas: “Se estou suja é por que não tenho sabão”. (JESUS, 2014.p.98).

Ao chegar aos locais para catar restos de legumes, carnes, frutas e etc., Carolina na maioria das vezes era insultada por pessoas que tinham uma condição de vida melhor que a dela, mas havia também muitas pessoas que ajudavam aquela pobre mulher. E ela se sentia muito agradecida pelas pequenas ajudas que recebia.

Quando a autora se sentia triste sempre pensava em se suicidar, para ela quem nascia e suportava a vida até a morte deveria ser considerado como herói. Segundo a autora,

Encontrei com a dona Nenê, a diretora da Escola Municipal, professora do meu filho João José. Disse-lhe que ando muito nervosa e que tem hora que eu penso em me suicidar. Ela disse-me para eu acalmar. Eu disse-lhe que tem dia que eu não tenho nada para meus filhos comer. (JESUS, 2014, p. 102).

Carolina em sua obra sempre está preocupada com o que seus filhos terão para se alimentar. A alimentação é o que mais se atenta para não faltar a seus filhos. Segundo Jesus (2014) “(...) As favelas não formam caráter. A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo”. (JESUS, 2014, p. 107).

A favela era a pior parte da cidade, pois só era lembrada de quatro em quatro anos pelas autoridades. Era vista de último momento, e não tinha apoio de nem um governo, a comunidade para a autora, era desvalorizada.

Quando Carolina não tinha nada para cozinhar para seus filhos comerem ela ficava furiosa. O que a autora registra em seus cadernos nada mais era do que essa fúria, essa indignação do cotidiano da vida dos favelados.

Esse cotidiano registrado no livro ocorre na década de 1950 e, portanto, no período conhecido como de desenvolvimentismo brasileiro. É o período dos “50 anos em 5”, de JK, ou do milagre econômico na Ditadura Militar, em alguns exemplos. Mas, revelado no cotidiano da autora, que esse desenvolvimentismo não era para todos. Vejamos em nossa próxima sessão.

3 O CONTEXTO DO “QUARTO DE DESPEJO”

3.1 Governos democráticos populistas e o governo da ditadura militar em tempos de Carolina Maria de Jesus

Verificamos com Maria Luísa Santos Ribeiro (2007), em uma de suas obras, “História da Educação Brasileira, a organização escolar”, que nesse período em que viveu Carolina Maria de Jesus, quem tinha mais acesso ao ensino eram os filhos de coronéis e a classe mais pobre era obrigada a trabalhar para as famílias mais ricas.

A classe mais pobre era considerada como escrava, mesmo já sendo abolida a escravidão, pois trabalhava em troca de comida e moradia, não eram assalariados e não tinham um tipo de benefício permanente. Muitas das vezes aconteciam até de serem feitos de mercadoria, ou seja, outros fazendeiros os contratavam para trabalharem em suas terras e ao chegarem lá tinham que trabalhar também na lida das suas casas (dos fazendeiros). Mas com o passar do tempo, as lutas e resistências, as coisas foram ganhando outros sentidos e até com pequenos direitos conquistados.

Com a plantação de café e devido as vendas ao comércio, surgiu então as fábricas de café e outras especiarias, assim trazendo uma nova forma de trabalho, assalariado. E assim, essas famílias negras passando a administrar suas próprias necessidades, no contexto de uma República nascente, com muitos vícios do passado escravista.

Durante esse período, primeira metade e início da segunda metade do século XX (1930 a 1977); os governantes estavam preocupados apenas com o modelo de desenvolvimento econômico do país, isto é, com a situação econômica das elites burguesas, principalmente com o modelo de desenvolvimento industrial, se associando ao capital internacional.

Quanto à educação, o ensino era apenas voltado para a força de trabalho necessária ao modelo de desenvolvimento, ou seja, uma educação capitalista para preparação de novas funções limitadas no mercado de trabalho, com um alto grau de reprovação escolar, que levava o abandono da escola.

Havia muitas crianças fora da escola, era grande a quantidade de matrículas, mas as frequências eram poucas. Este abandono se dava pela falta de condições financeiras e de emprego das famílias.

A proposta do governo era realizar campanhas publicitárias sobre um ensino de qualidade que só existia para poucos, pois nem todos tinham a oportunidade de estudarem.

Naquele período existiam muitas pessoas sem condições, pois a riqueza estava concentrada em poucas pessoas.

Este período foi marcado pela crise na educação e na política. Foi marcado, por exemplo, pelo suicídio do Presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, em 24 de agosto de 1954, o qual abalou uma parcela da população brasileira.

Com a morte do Presidente Getúlio Vargas houve então, a eleição direta, na qual ganhou o Presidente Juscelino Kubitschek (mais conhecido pela sigla: JK), assumindo o poder com seu vice João Goulart (conhecido por Jango), sendo o programa de seu governo (JK e Jango), voltado para o desenvolvimento econômico simbolizado pelo lema difundido por ele: “progredir cinquenta anos em apenas cinco”.

Segundo Jesus;

15 de julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (JESUS, 2014, p. 10).

Segundo Vicentino (2019, p.151), “a partir da década de 1950, com o crescimento urbano e industrial, os meios de comunicação e de transporte se modernizaram”. Modernizaram? Progrediram? Para quem? Para Carolina Maria de Jesus é preciso falar isso para os políticos. Segundo Jesus;

10 de maio [1958] Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubitschek [9] e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. ...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças. (JESUS, 2014, p. 25).

Mas para explicar esse período precisamos retornar ao fim da II Guerra Mundial e ao fim da Ditadura Vargas, em 1945.

Assim, com a retomada da democracia no Brasil, logo no início do governo Dutra, isto é, de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), a Assembleia Nacional Constituinte elaborou uma nova Constituição, promulgada ainda em 1946.

Segundo Ribeiro (2007), Dutra assumiu uma orientação liberal, restringindo a ação do Estado a áreas fundamentais, definidas no Plano Salte (abreviatura de Saúde, Alimentação, Transporte e Energia). Veja-se que educação não aparece como prioridade no plano.

Também facilitou a entrada de capital estrangeiro, especialmente o estadunidense. Em 1947, rompeu relações com a União Soviética e decretou a ilegalidade do partido Comunista Brasileiro (PCB), cassando o mandato de parlamentares eleitos pela legenda.

Com o fim do governo de Dutra ocorreu as eleições ganhando democraticamente o então candidato e ex-Presidente da República por 15 anos, Getúlio Dornelles Vargas (1951-1954). Em seu governo, agora em tempos democráticos, Vargas assumiu uma postura nacionalista e intervencionista.

Para incentivar a indústria nacional, restringiu importações e investimentos estrangeiros e fundou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), em 1952. No ano seguinte, criou a Petrobras, estatal que detinha o monopólio da exploração do petróleo no Brasil. Vargas também dobrou o valor do salário mínimo, conquistando ainda mais o apoio dos trabalhadores.

Para Vicentino (2018), essas medidas aumentaram a oposição dos liberais da União Democrática (UDN), de oficiais das Forças Armadas e de empresários ligados ao capital estrangeiro. Segundo o autor,

Em 5 de agosto de 1954, o jornalista Carlos Lacerda, principal oponente de Vargas, sofreu um atentado. Pessoas próximas ao presidente foram acusadas de envolvimento no caso, o que provocou uma grande campanha por sua renúncia. Pressionado, Vargas suicidou-se em 24 de agosto de 1954, causando comoção em todo o país. (VICENTINO, 2018, p. 152).

Carolina Maria de Jesus sabia das disputas entre Carlos Lacerda e Getúlio Vargas e há menção em seu diário misturado com as tramas do cotidiano da favela. Segundo Jesus (2014), “(...) Estendi as roupas para quarar. Ao meu lado estava a mulher do nortista que dormia com a mulher do Chó. Estava nervosa e falava tanto. Parece que tem a língua elétrica. Parecia o Carlos Lacerda quando falava do Getulio. (...)”. (JESUS, 2014, p. 25)

Devido a Vargas se preocupar com a sua relação com a população pobre e trabalhadora, para não perder apoio popular, a oposição não aceitava o trabalho desenvolvido por ele e devido ao acontecimento do atentado, Vargas se viu pressionando com a campanha que houve para sua renúncia.

Com a morte de Vargas, passaram-se pela presidência: Café Filho, que ficou por pouco tempo devido seu problema de saúde (1954-1955); logo após, Carlos Luz (presidente da câmara) ocupou o cargo, mas não ficou por muito tempo (1955); em

seguida foi ocupado por Nereu Ramos (presidente do Senado) (1955-1956). (VICENTINO, 2018, p. 152).

Após a morte de Getúlio Vargas, houve uma grande passagem de poderes políticos pela presidência, no qual não ficaram por muito tempo e logo veio às eleições para a escolha do novo presidente – Juscelino, o J.K. e João Goulart, o Jango, os quais estavam com o objetivo de fazer o país progredir “50 anos em 5”, por meio, segundo o plano de JK, de realizações de investimentos estrangeiros no Brasil.

Outro fator responsável pelo desenvolvimento industrial do país foi o grande afluxo de capitais estrangeiros. Com isto, Juscelino tenta conciliar o modelo político nacional-desenvolvimentista dos governos anteriores (G. Vargas inclusive); – com o modelo econômico aberto ao capital internacional.

Do ponto de vista do cotidiano na favela relatado pela Carolina Maria de Jesus, a realidade da década de 1950 pedia uma mudança significativa.

Segundo Jesus,

31 de dezembro [1959]...Levantei as 3 e meia e fui carregar água. Despertei os filhos, eles tomaram café. Saímos. O João foi catando papel porque quer dinheiro para ir no cinema. Que suplicio carregar 3 sacos de papéis. Ganhamos 80 cruzeiros. Dei 30 ao João. ... Eu fui fazer compras, porque amanhã é dia de Ano. Comprei arroz, sabão, querosene e açúcar. O João e a Vera deitaram-se. Eu fiquei escrevendo. O sono surgiu, eu adormeci. Despertei com o apito da Gazeta anunciando o Ano Novo. Pensei nas corridas e no Manoel de Faria. Pedi a Deus para ele ganhar a corrida. Pedi para abençoar o Brasil. Espero que 1960 seja melhor do que 1959. Sofremos tanto no 1959, que dá para a gente dizer: Vai, vai mesmo! Eu não quero você mais. Nunca mais! (JESUS, 2014, p. 166).

Esta orientação de conciliação dos modelos distintos de desenvolvimento aproxima as forças eleitorais UDN e PSD, provocando um novo período de crise intensa e exigindo reformulação em seu modelo político ou econômico, levado a cabo pelo próximo pleito, nas eleições de Jânio Quadros e Jango Goulart.

Devido a renúncia do presidente Jânio Quadros e o consequente assumir de Jango Goulart; coloca-se em marcha um plano desenvolvimentista e menos aberto ao capital internacional. Motivo que leva uma reação violenta e conservadora das elites dominantes que planejam e executam o Golpe de Estado de 1964.

Para a autora Maria Luísa Santos Ribeiro, o golpe militar de 1964, firmado pelo então Marechal Castelo Branco, significou mais do que palavras, levou abaixo todos os projetos desenvolvimentistas que pretendiam colocar a educação brasileira como prioridade desse

desenvolvimentismo e submeteu a força, os interesses da nação aos interesses do capital internacional.

Todavia vale lembrar, o golpe de 1964 trouxe consigo consequências ainda mais sérias como a repressão, medo, prisões e perseguições sem justificativa e a desconstrução da constituição, tudo isso para privilegiar a burguesia e sua classe média. Os militares incentivaram um governo monopolista, privilegiando assim impérios econômicos internacionais e reprimindo os pequenos empresários.

A ditadura criou também os “AI” (Atos Institucionais), AI 1; AI 2; AI 3; AI 4 e o mais famoso deles: o AI 5; que suspendia os direitos e as garantias de liberdades dos brasileiros e que desconstruíam muitos projetos, esses que demoraram décadas para se concretizarem.

Ribeiro (2007); fala também das teorias educacionais tecnicistas da época do Regime Militar instaurado pelo Golpe de 1964; que eram voltadas para suprirem a necessidade do mercado (capital).

Foi nessa época que o Governo Militar criou o Mobral por exemplo (Movimento Brasileiro de Alfabetização); que pretendia minimizar os altos índices de analfabetismo no Brasil, mas fracassou. É importante destacar que a educação tomou um novo rumo, que foi o sucateamento do modelo público, para privilegiar o modelo privado, bem como o fracasso do programa Mobral.

3.2 Os primeiros Governos da Ditadura Militar, de 1964

Segundo Ghiraldelli, (2000), o governo que antecede à Ditadura Militar, a exemplo de Juscelino Kubitschek foi um período no qual houve a divulgação do nacionalismo desenvolvimentista, abrindo espaço ao investimento estrangeiro, valorizando-se ainda mais o ensino-técnico profissional.

Paulo Freire, nas décadas de 1950 e 1960 atuava na construção da Pedagogia Libertadora, concepção esta que afirmava ter o homem, isto é, o ser humano, vocação para “sujeito da história” e não para “objeto”.

De acordo, Ghiraldelli (2000), não era o caso do povo brasileiro que fora vítima do autoritarismo de uma sociedade herdeira da tradição colonial e escravista.

Para Rosa;

A deposição do presidente João Goulart significou o fim de um período democrático e o início do mais longo período ditatorial da história brasileira. Em termos econômicos, a ditadura militar adotou um modelo de desenvolvimento dependente,

que subordinou o Brasil aos interesses do capital estrangeiro, decretando, assim, a derrota do projeto nacionalista desenvolvimentista. Foi em 31 de março de 1964; tropas militares de Minas Gerais e São Paulo saíram às ruas do país e tomaram o controle do Estado em nome de um entendimento de democracia, liberdade, segurança e desenvolvimento nacional. O movimento marcou o (re) início de um regime ditatorial no país, que então, duraria vinte e um anos, e se caracterizaria, entre outras coisas, por um revezamento dos militares no poder central da sociedade brasileira; portanto, um poder hegemônico de classe, que acabou registrado e conhecido historicamente como uma Ditadura Militar (ROSA, 2006, p. 33).

De acordo com a autora acima citada, a história da educação brasileira passou por várias alterações durante o período da ditadura militar no governo de Joao Goulart. Segundo Vicentino (2002), logo depois do golpe de 1964, sob pressão dos militares, o congresso elegeu para presidência da República o Marechal Humberto Castello Branco.

Segundo Napolitano;

(...) a promulgação do Ato Institucional nº.1 (AI-1), em 9 de abril de 1964, dava início à era dos Atos Institucionais, que só terminaria em 1978, demonstrando como o legalismo golpista era artificial. O AI-1, elaborado por Francisco Campos (o redator da Constituição fascista do Estado Novo em 1937), deveria vigorar até 31 de janeiro de 1966. Estabelecia uma série de medidas da sociedade e dos poderes públicos por parte do Executivo (ou seja, o governo federal) tais como: o poder de cassar direitos políticos dos cidadãos, decretar estado de sítio[...] (NAPOLITANO,1998, p. 16).

Com base no autor citado, nesse período da ditadura militar houve um golpe no país, na qual as pessoas eram repreendidas e não tinha direito para defender. A implantação de um Estado autoritário a partir de 1964 teve como consequência algumas transformações na área educacional. Instalou-se a educação tecnicista, atendendo às necessidades advindas com a crescente industrialização, fruto da influência do capital estrangeiro. Segundo Dockhorn;

O AI-2 estabeleceu a continuação das premissas da Doutrina de Segurança Nacional que propunha a paz social como elemento condicionante do desenvolvimento. Além da manutenção das medidas do primeiro ato, AI-2 possibilitou ao Executivo a competência das questões orçamentárias e de regulamentação das forças Armadas: exclusividade para decretar ou prorrogar o “estado de sítio”, direito de baixar atos complementares, decretos-leis e recesso do Congresso Nacional, Assembleia Legislativa e Câmara dos Vereadores (DOCKHORN, 2002, p. 45).

Conforme o autor acima citado, foi criado o AI-2, que dá ao executivo o poder de resolver as questões orçamentarias para a regulamentação das Forças Armadas, decretos e leis para o recesso no congresso Nacional.

O modelo político econômico tinha como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que busca acelerar o crescimento sócio-econômico do país. A educação desempenhava importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários à incrementação do crescimento econômico e tecnológico da

sociedade de acordo com a concepção economicista de educação (VEIGA, 1989, p. 34).

O novo modelo educacional desenvolveu como característica um sistema educacional autoritário e domesticador (RIBEIRO, 2000). Para Aranha (1996), a política norte-americana direcionada ao Brasil se assenta em três pilares ideológicos: educação e desenvolvimento; educação e segurança; educação e comunidade. Segundo Veiga (1989, p. 34) “A educação desempenhava importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários à incrementação do crescimento econômico e tecnológico da sociedade de acordo com a concepção economicista de educação”.

O intuito da neutralidade científica foi inspirado nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. Através desses, instalou-se nas escolas a divisão do trabalho com a mera justificativa de produtividade e verificou-se maior saliência na distância entre quem planeja e quem executa.

A educação no Brasil foi voltada à formação de mão-de-obra especializada em curto prazo de tempo, com destino ao mercado em expansão. Assim, o aluno tornava-se o principal alvo do governo para suprir às necessidades relativas às perspectivas da economia brasileira (GHIRALDELLI, 2000).

Essa compreensão revela uma tendência muito forte no ensino durante a Ditadura Militar no Brasil, que foi, fundamentalmente, a ênfase em uma educação de caráter técnico-funcional, ou seja, preocupada estritamente com aspectos específicos e práticos, no jogo do capitalismo internacional, associando a toda uma política econômica em curso (ROSA, 2006, p. 50).

E ainda segundo Veiga,

O sistema educacional era marcado pela influência dos Acordos MEC/USAID, serviram de sustentáculos às reformas de ensino superior do ensino de 1º e 2º graus. Por influência, também, dos educadores americanos foi implantada pelo Parecer 252/69 e Resolução n.º 2/69 do Conselho Federal de Educação, a disciplina “Currículos e Propagandas”, nos cursos de Pedagogia, o que, de certa forma, provocou a superposição de conteúdos da nova disciplina com a Didática. O período compreendido entre 1960 e 1968 foi marcada pela crise da Pedagogia Nova e articulação da tendência tecnicista, assumida pelo grupo militar e tecnocrata. O pressuposto que embasou esta pedagogia está na neutralidade científica, inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. Buscou-se a objetivação do trabalho pedagógico da mesma maneira que ocorreu no trabalho fabril. Instalou-se na escola a divisão do trabalho sob a justificativa de produtividade, propiciando a fragmentação do processo e com isso, acentuando-se as distâncias entre quem planeja e quem executa (VEIGA, 1989, p. 35).

Veiga vem debatendo sobre o sistema educacional do país, especialmente o currículo do curso de pedagogia implantando nova disciplina no curso. Ocorreu no período de 1960 - 1968, em que o ensino era voltado para a tendência tecnicista no qual era assumida por um grupo militar, que preparava as pessoas para o mercado de trabalho. Nesse período a escola era voltada para ensinar e qualificar para o desempenho profissional e não para a vida.

Esse contexto das elites dirigentes do país era o contexto que mantinha a realidade exposta por Carolina Maria de Jesus em seu Diário publicado como Quarto de Despejo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das questões abordadas por esse estudo bibliográfico evidenciou-se a importância da reflexão crítica sobre a história da educação brasileira, isto é, o contexto da literatura de Carolina Maria de Jesus ao sistematizar o “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. A obra revela a partir do relato no diário de que maneira as pessoas viviam na Favela do Canindé, naquele período; e daí podemos relacionar com a história da educação deste período, isto é, de como a escola era voltada apenas para uma elite.

A literatura de Carolina Maria de Jesus “Quarto de Despejo” diário de uma favelada, nos faz refletir, que nos dias atuais quase nada mudou, pois muitas famílias estão passando por necessidades: de moradia, educação, saúde e direitos; direitos esses que não são reconhecidos pelos políticos e principalmente pelas elites econômicas, mesmo diante das leis criadas, esses mesmo direitos não são acessados, ou cumpridos.

Carolina Maria de Jesus é uma mulher que representa a maioria da população brasileira: a mulher sofrida, que viveu a beira da Marginal do Tiete (Favela de Canindé), que haviam dias que não tinha nada a oferecer de alimento aos seus filhos.

Destaque-se ainda a importância de se reconhecer que Carolina Maria Jesus, por meio de seus registros, conta a realidade de muitas famílias brasileiras que viviam e vivem nessa situação de vulnerabilidade social.

Neste sentido, a pesquisa nos mostra que os estudos e reflexões ao longo de praticamente quatro semestres letivos nos permitiram encontrar respostas, ainda que provisórias, às perguntas que nós fazíamos ao início deste processo. Assim, é necessário fazer leituras e reflexões a partir da literatura de Carolina Maria de Jesus “Quarto de Despejo” que relata a história da educação no Brasil, os avanços e retrocessos no processo educativo.

REFERENCIAS

CAROLINA Maria de Jesus. Link. <https://www.portugues.com.br/literatura/carolina-maria-de-jesus.html> Acesso em 05/12/2021.

CAROLINA Maria de Jesus: Literatura, liberdade e rebeldia. Link. <https://reprograma.github.io/On3-projeto-final/maravilhosas/diana-monteiro/carolina-de-jesus.html> Acesso em 05/12/2021

DOCKHORN, Gilvan Veiga. **Quando a Ordem é Segurança e o Progresso é Desenvolvimento** (1964 – 1974). Editora: EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

GHIRALDELLI, Paulo, **História da Educação**. São Paulo: Cortes, 2000.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe,-10.ed.-São Paulo: Ática 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe,-10.ed.-São Paulo: Ática 2014. Versão na internet - link: <file:///C:/Users/USU%C3%81RIO/Desktop/2021/2021.2/LIVRO%20%20Quarto%20de%20Despejo-%20completo%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf>

MACIEL, Camila (14 de março de 2014). «**Brasil lembra centenário de escritora que definiu favela como quarto de despejo**». Agência Brasil. Consultado em 24 de Abril de 2017. Link: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/livro-de-carolina-maria-de-jesus-e-resgatado-em-vestibulares-da-ufrgs-e-unicamp-40-anos-apos-morte-de-escritora.ghtml> Acesso em /05/2020.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 20 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. (Coleção Memória da educ.)

ROSA, Juliano de Melo. **As vozes de um mesmo tempo**: a educação física institucionalizada no período da Ditadura Militar em Cacequi. Dissertação de Mestrado em Educação/UFSM. Santa Maria: UFSM, 2006.

VEIGA, Ilma Passos (coord.). **Repensando a Didática**. Campinas: Papyrus,1989.

VICENTINO, Cláudio. **Teláris história**, 9º ano: ensino fundamental anos finais. Cláudio Vicentino, José Bruno Vicentino. 1.ed. São Paulo: Ática, 2019.

VICENTINO, Cláudio. **Viver a História**: ensino fundamental. São Paulo: Scipione, 2002.

ANEXOS

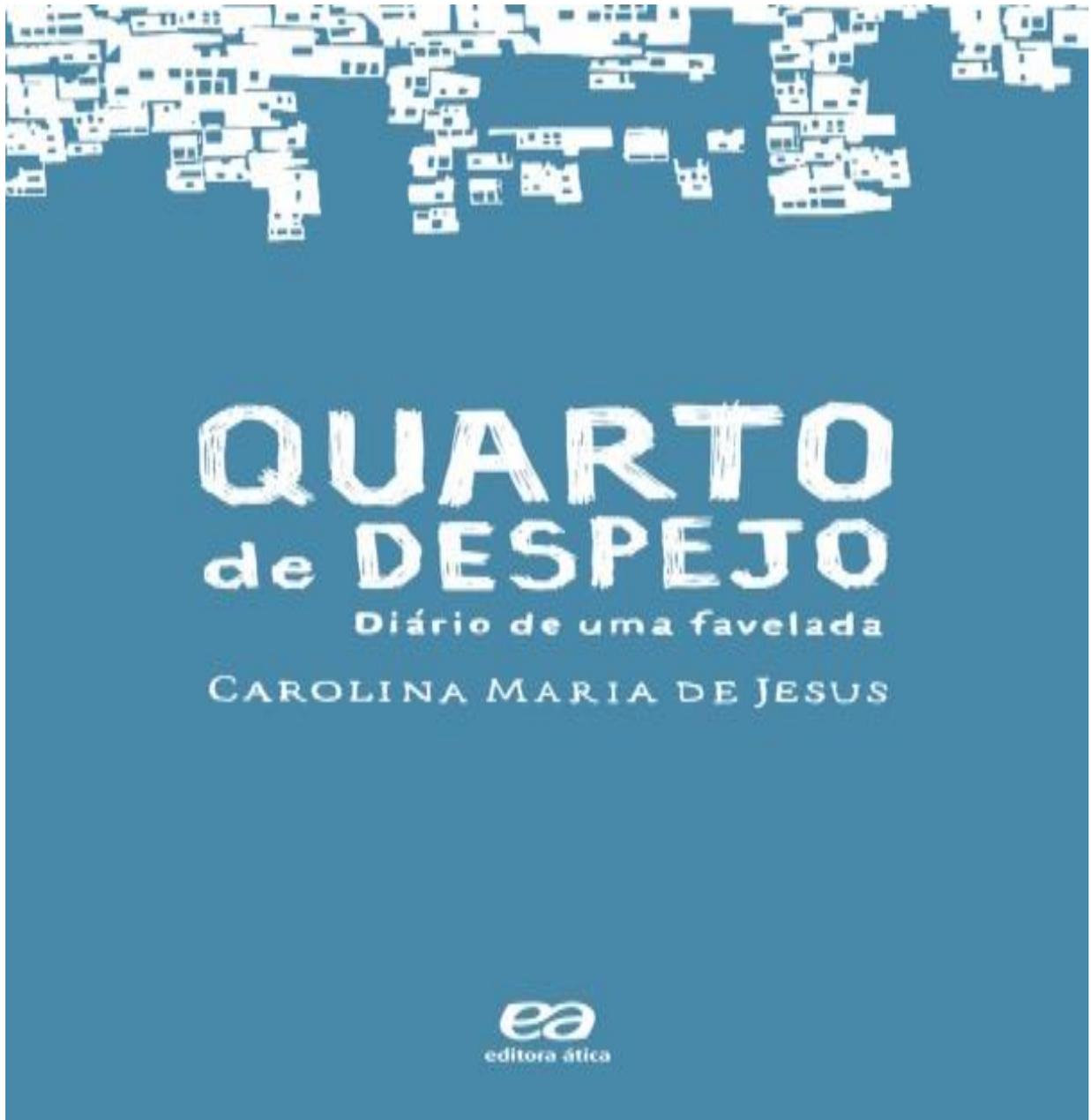
ANEXO A - Capa do livro em sua 10ª edição (2014)

ANEXO B - Capa do livro em sua edição especial comemorativa aos 60 anos da primeira publicação (1960 – 2020)

ANEXO C - Carolina Maria de Jesus escrevendo em seu diário

ANEXO D - O raro LP de Carolina cantando sua realidade através de composições próprias

ANEXO A - CAPA DO LIVRO EM SUA 10ª EDIÇÃO (2014)



Fonte: <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/81ykDTJWx9L.jpg>

ANEXO – B - CAPA DO LIVRO EM SUA EDIÇÃO ESPECIAL COMEMORATIVA
AOS 60 ANOS DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO (1960 – 2020)

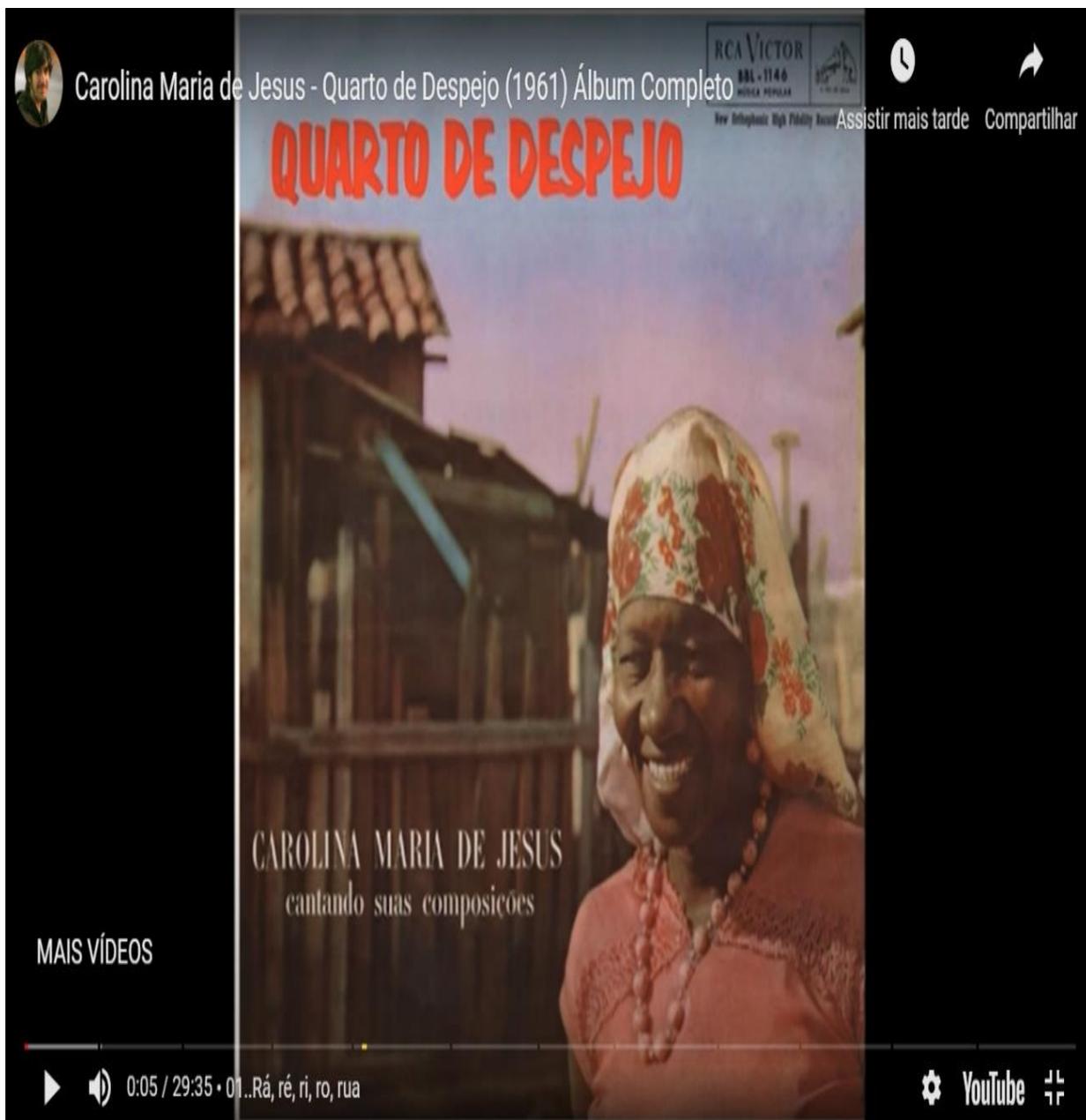


Fonte: <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/91TR4slBMyL.jpg>

ANEXO C - Carolina Maria de Jesus escrevendo em seu diário

Fonte: <https://reprograma.github.io/On3-projeto-final/maravilhosas/diana-monteiro/carolina-de-jesus.html>

**ANEXO – D - O RARO LP DE CAROLINA CANTANDO SUA REALIDADE
ATRAVÉS DE COMPOSIÇÕES PRÓPRIAS**



Fonte: Acesso às músicas link: <https://youtu.be/t3dzlAr4euo>